

SIMPÓSIO AT052

O TRABALHO COM A LÍNGUA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: EM FOCO, A PRÁTICA DIALÓGICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

BILHAR, Tatiana Fasolo
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)
tatianabilhar@gmail.com

Resumo: Os escritos do Círculo de Bakhtin passaram a ser discutidos no Brasil a partir, principalmente, dos anos 1980 e, no ensino de língua, influenciaram o surgimento do que Geraldi (1984, 1997) chamou de prática de análise linguística (PAL). Essa prática, ancorada nos pressupostos bakhtinianos, prioriza a reflexão sobre os recursos linguísticos empregados na construção de textos-enunciados, levando em conta a situação interativa de sua produção. No entanto, embora seja discutida desde os anos 1980 e figure em documentos parametrizadores, para muitos professores ainda é um desafio efetivar a PAL em sua prática pedagógica, o que decorre também da falta de subsídios teóricos e práticos para alicerçar um trabalho que considere reflexões sobre a língua dentro de situações de uso. Assim, esta pesquisa analisa um curso de Letras de universidade pública do Sul do Brasil, buscando identificar a concepção de linguagem que o norteia e o espaço da PAL ao longo da licenciatura. Teoricamente, as discussões amparam-se nos estudos do Círculo de Bakhtin, em Geraldi (1984, 1997) e em Franchi (2006[1988]). Metodologicamente, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, interpretativista, inscrita na Linguística Aplicada, que contou com a análise do Projeto Político Pedagógico e de dez planos de ensino de disciplinas do curso, além de entrevista com acadêmicos do último ano. Os resultados apontam que a compreensão de linguagem oscila entre linguagem como instrumento de comunicação ou como forma de interação, a PAL parece restrita a duas disciplinas e os acadêmicos afirmam não saber como efetivar essa prática em sala de aula.

Palavras-chave: Formação inicial do professor de Língua Portuguesa; Prática de análise linguística; concepção dialógica de linguagem.

Abstract: The studies of Bakhtin's Circle began to be discussed in Brazil, mainly from the 1980s and, in language teaching, influenced the emergence of what Geraldi (1984, 1997) called linguistic analysis practice (PAL). This practice, based on Bakhtinian presuppositions, prioritizes the reflection on the linguistic resources used in the construction of utterances, always considering the interactive situation of their production. However, although it has been discussed since the 1980s and it is present in parameter documents, it is still a challenge for many teachers to make the PAL a reality in their pedagogical practice, which is also due to the lack of theoretical and practical subsidies to support a teaching that promote reflections on the language in real use situations. Thus, this research analyzes an Arts Language course from a

public university in the South of Brazil, trying to identify its language conception and the place of the PAL throughout the degree. Theoretically, the discussions are based on the studies of Bakhtin's Circle, Geraldi (1984, 1997) and Franchi (2006 [1988]). Methodologically, we developed a qualitative, interpretative research, enrolled in Applied Linguistics that analyzes the Political Pedagogical Project and ten *syllabuses* of the course, an interview with last year students. The results indicate that the language comprehension oscillates between language as a communication tool or as a form of interaction, the PAL seems restricted to two subjects and the undergraduate students affirm that they do not know how to carry out this practice in their teaching.

Keywords: Initial formation of Portuguese language teacher; Linguistic analysis practice; Dialogical language conception.

Introdução

A partir da década de 1980, de acordo com Costa-Hübes (2011), as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin passaram a ser discutidas nas academias brasileiras e começaram, gradativamente, a influenciar os estudos linguísticos e o ensino de Língua Portuguesa (doravante, LP) em nosso país.

Para Bakhtin e o Círculo, a linguagem, em sua concretude, é um fenômeno vivo, social, dialógico e com uma carga ideológica intensa. O homem é um ser histórico-social que, ao fazer uso da linguagem, o faz a partir de uma posição de sujeito sócio-historicamente situado, capaz de exercer uma responsividade ativa sobre os demais discursos presentes na sociedade. E tudo aquilo que enuncia organiza-se em enunciados, influenciados pelo contexto de produção. Assim, para analisar a linguagem, o Círculo defende como imprescindível que se considere a face extraverbal do enunciado.

Em 1984, em um dos artigos do livro *O texto na sala de aula*, João Wanderley Geraldi, recorrendo aos pressupostos de Bakhtin e do Círculo, nos apresentou uma proposta para o ensino de LP centrada no texto, priorizando reflexões sobre a língua em uso, a partir do que chamou de "prática de análise linguística" (GERALDI, 1984, p. 63). Nesta prática, (doravante, PAL), a orientação é por um trabalho com a língua que, ao invés de exercícios descontextualizados de classificação gramatical, priorize atividades de reflexão sobre os recursos linguísticos empregados na construção dos textos, sempre levando em conta a situação interativa que motivou sua produção.

Essa visão para o ensino de língua, embora figure nos documentos pedagógicos oficiais desde a década de 1990¹, ainda se configura como um desafio para muitos docentes. Mesmo as licenciaturas em Letras apresentam dificuldades para trabalhar e ensinar a trabalhar a língua nessa perspectiva.

Diante disso, esta pesquisa analisa um curso de Letras de universidade pública do Sul do Brasil, buscando identificar a concepção de linguagem que o norteia e o espaço da PAL ao longo da licenciatura. Nossa pesquisa é qualitativa, interpretativista e se inscreve no campo da Linguística Aplicada. O corpus de análise é composto pelo PPP e por planos de ensino de disciplinas do curso, além de uma entrevista realizada com acadêmicos do último ano.

1. Concepção dialógica de linguagem e prática de análise linguística

O Círculo de Bakhtin defende uma concepção interacionista e dialógica de linguagem. Nessa perspectiva, o homem é um ser sócio-historicamente situado que interage e modifica o mundo a sua volta por meio do uso da linguagem. Assim, a linguagem é social, fruto e meio da interação humana e está estreitamente ligada ao contexto em que seu uso ocorre. A língua, por sua vez, é compreendida como um fenômeno social, vivo, carregado de ideologias, em uso constante e que se modifica por esse uso.

O emprego da língua ocorre por meio de enunciados, que comportam duas faces: uma verbal e outra extraverbal. A primeira diz respeito aos recursos linguísticos utilizados em sua composição. A segunda, ao contexto da enunciação, sem o qual não é possível significá-lo, e às relações dialógicas que estabelece com outros enunciados – seja para concordar com eles, negá-los, refutá-los, complementá-los etc.

O estudo da língua, nessa perspectiva, deve partir primeiro da análise da situação social de interação que está sendo mediada pelo texto para só depois voltar-se ao linguístico e sua composição. “Cada tipo de intercâmbio comunicativo [...] organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma

¹ Essa perspectiva para o trabalho com a língua em sala de aula passou a figurar nos documentos pedagógicos a partir, principalmente, da publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), no final da década de 1990.

gramatical e estilística da enunciação, sua estrutura tipo, que chamaremos a partir daqui de gênero” (VOLOCHINOV, 2013[1930], p. 159). Desse modo, conforme a situação de interação, que inclui a esfera comunicativa em que ela se realiza, os textos-enunciados sempre se moldam em um ou outro gênero do discurso – que são relativamente estáveis e possuem em comum, conforme Bakhtin (2011[1979]), seu conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Essa compreensão de linguagem defendida pelo Círculo influenciou/influencia o ensino de línguas. Geraldi (1984, 1997) defende um ensino de língua que extrapole as classificações de estruturas gramaticais descontextualizadas, tendo como foco o texto. Para o estudioso, que recorreu aos preceitos de Bakhtin e do Círculo, um texto é uma atividade discursiva na qual alguém diz algo a alguém com alguma intenção e em determinado contexto. Assim, sua proposta aponta para um ensino centrado na língua em uso, partindo de contextos reais de interação, no qual a produção e reescrita textual e a leitura devem ser articuladas à PAL.

Essa visão de Geraldi (1984, 1997), que ecoa no texto de Franchi (2006[1988]), implica a realização de atividades linguísticas e epilinguísticas e, só depois, metalinguísticas. O que se procura garantir com essa ordem de realização das atividades na análise da língua é a compreensão dos alunos de que o uso dos recursos linguísticos, sua forma e estrutura, são condicionados por aspectos extraverbais. Não se trata de apreender uma língua pronta e acabada, mas de aperfeiçoar o uso que fazemos da língua para dar conta do projeto de dizer. Essa proposta de PAL se pauta na concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin e segue a ordem de estudo da língua proposta por Bakhtin/Volochinov (2014[1929]).

Ensinar LP sob essa perspectiva significa partir de situações reais de uso da língua, a fim de tornar o aluno linguística e discursivamente competente para as diversas situações de interação verbal a que está sujeito, (re)conhecendo as variedades linguísticas e a valoração social a elas atribuída, bem como os discursos imbricados nos textos-enunciados. Conforme Costa-

Hübes (2011), não se trata mais de estudar palavras ou frases isoladas, mas de relacioná-las ao texto-enunciado, ao contexto sócio-histórico, aos usuários que as produziram e, embora Geraldí (1984, 1997) não os cite, aos gêneros discursivos – uma vez que tudo que produzimos em linguagem verbal se configura em um ou outro gênero do discurso.

Mas será que os professores recebem subsídios, desde a graduação, para efetivar a PAL em sua prática pedagógica? É isso que buscamos responder a seguir, a partir da análise de um curso de Letras de universidade pública do Sul do país.

2. Analisando um curso de Letras

A pesquisa foi realizada no ano de 2015. O corpus de análise foi constituído pelo PPP do curso, dez planos de ensino² – todos de disciplinas voltadas à formação do professor de LP – e por uma entrevista focal realizada com cinco acadêmicos do último ano.

A análise do PPP nos permitiu observar que o documento destaca a importância da formação de um profissional pesquisador, que conheça as diferentes teorias linguísticas e que receba suporte teórico e prático dentro da concepção interacionista de linguagem, para o trabalho com os gêneros em sala de aula. No entanto, embora reconheça a linguagem como forma de interação, o PPP não trata dos discursos. Assim, sua concepção é interacionista, mas não dialógica. Com relação aos gêneros, não destaca de que forma devem ser trabalhados em sala – se numa perspectiva coerente com os pressupostos do Círculo de Bakhtin ou não – e não menciona o trabalho com a PAL.

Nos planos de ensino observamos que, apesar de o PPP esclarecer que o Curso se pauta por uma concepção interacionista de linguagem, nem todos os planos das disciplinas voltadas à formação do professor de LP apresentam

² Foram analisados os planos das seguintes disciplinas: Leitura e Produção Textual; História e Formação da Língua Portuguesa; Estudos Linguísticos I e II; Linguística do Texto e do Discurso; Morfologia, Fonética e Fonologia do Português; Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Línguas; Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa; Sintaxe I e II.

esse direcionamento. Há planos que ainda seguem uma proposição mais estruturalista.

A disciplina de *Sintaxe do Português I*, por exemplo, é voltada ao estudo da estrutura da língua, e foca na descrição sintática dos enunciados – que não são os enunciados tais como compreendidos nos estudos bakhtinianos, já que o autor não é citado na bibliografia – de acordo com a gramática tradicional. Trata-se, portanto, de descrição e não de análise linguística.

Algumas disciplinas, como *História e Formação da LP*, *Sintaxe do Português I*, *Sintaxe do Português II*, *Morfologia*, *Fonética e Fonologia do Português* contemplam em seu conteúdo programático discussões sobre o ensino na educação básica, mas não especificam segundo qual concepção de linguagem o fazem, de modo que não podemos afirmar que sigam uma proposta interacionista e dialógica, nem que se dediquem à PAL.

Dos planos analisados, um permite entrever a possibilidade de que seja trabalhada a PAL em suas aulas e outro a cita explicitamente em seu conteúdo programático. O plano de ensino da disciplina de Leitura e Produção Textual prevê o estudo de gêneros da esfera acadêmica e, ao fazê-lo, destaca como conteúdo programático o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo de gêneros como artigo científico, resumo e resenha. A disciplina traz em sua bibliografia básica obras do Círculo de Bakhtin e de Geraldi. Assim, embora não esteja explícito no plano, é possível que, ao estudar os textos de gêneros da esfera acadêmica, parta-se do seu contexto de produção para depois analisar seu estilo, fazendo atividades de análise linguística associadas à leitura, produção e reescrita textual. No entanto, o plano trata gêneros discursivos e textuais como sinônimos e não deixa claro sob qual perspectiva trabalha de fato os conteúdos. Desse modo, não podemos afirmar categoricamente que a PAL, numa perspectiva dialógica, faça parte da disciplina.

A análise linguística é citada explicitamente como conteúdo programático da disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e aparece como parte da metodologia de trabalho com os

gêneros, associada à leitura, interpretação, produção e reescrita textual. Nesse plano de ensino estão listadas obras como *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Volochinov e Bakhtin, e *Portos de Passagem*, de Geraldí. Depreendemos, portanto, que a disciplina busca ensinar aos acadêmicos como trabalhar a PAL em sala de aula e, considerando que está articulada ao trabalho com os gêneros – e dadas as obras listadas na bibliografia –, é possível que o faça partindo do contexto de produção, observando os discursos, para depois chegar ao linguístico, num viés dialógico.

Ainda, entrevistamos cinco acadêmicos do último ano da licenciatura em Letras. Essa entrevista nos permitiu observar que os estudantes reconhecem que a concepção de linguagem que orienta o ensino de LP hoje é a da linguagem como forma de interação, embora não consigam formular um conceito bem definido do que seja essa concepção, mostrando-se muito tímidos e inseguros ao falar sobre o assunto.

Com relação aos gêneros, são capazes de citar corretamente exemplos deles e, embora não formulem uma definição clara do que são ou dos seus três elementos constituintes segundo Bakhtin, quando questionados sobre as características dos gêneros, elencam aspectos referentes ao conteúdo temático, estilo e construção composicional. Reconhecem que o trabalho com os gêneros na educação básica possibilita o ensino a partir de situações reais de uso da língua e que as atividades metalinguísticas não devem ser a prioridade nas aulas de LP. Entretanto, afirmam não saber como utilizar os gêneros como instrumento de ensino ou como efetivar a PAL e apontam que o Curso não forneceu subsídios para tal.

Oferecem a visão de um Curso compartimentado, que trabalha de maneira separada os diversos conteúdos de LP, e que, em geral, não se preocupa com a aplicação prática, para a educação básica, de tais conteúdos. Afirmam, por fim, não se sentirem aptos para o ensino de LP no Ensino Fundamental e Médio.

Considerações Finais

Nossas análises permitiram observar que, no curso selecionado, a concepção de linguagem, apesar do que consta no PPP, ainda oscila, nas disciplinas, entre linguagem como instrumento de comunicação e como forma de interação. E a PAL parece restrita a apenas duas disciplinas, ocupando um espaço pequeno ao longo da licenciatura, caracterizando uma lacuna no que diz respeito ao trabalho com a língua na formação do professor de LP.

Referências

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. (1979). **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Por uma concepção sociointeracionista da linguagem: orientações para o ensino da língua portuguesa. **Línguas & Letras**. Ed Especial XIX CELLIP, p. 73-97, 1º semestre/2011.

FRANCHI, C. Criatividade e Gramática. (1988) In: POSSENTI, S. (Org.). **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 34-101.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In: _____. (Org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-48.

_____. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná: Língua Portuguesa**. Curitiba, SEED: 2008.

VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich (1930). **A Construção da Enunciação e Outros Ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.